

Título: A transmissão das ideias de Adam Smith: um estudo sobre as edições britânicas da *Riqueza das Nações* no início do século XIX.

Autor: Ivan Prates Sternick

Filiação: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG.

Resumo

Neste artigo é feita uma análise das edições britânicas da *Riqueza das Nações*, especialmente aquelas publicadas entre 1804 e 1828, que continham intervenções de vários tipos do editor sobre o texto original de Smith. O objetivo é entender a forma pela qual Adam Smith estava sendo lido por indivíduos relacionados à publicação e à transmissão de suas ideias. Com isso, busca-se avaliar como e em que medida os materiais introduzidos por editores e intérpretes refletiram e contribuíram para construir uma interpretação convencional da obra, que a entende essencialmente como um tratado de Economia Política em defesa do livre-comércio.

Palavras-chave: Riqueza das Nações; Adam Smith; Economia Política; Filosofia Moral;

Área Temática: História Econômica, do Pensamento Econômico e Demografia Histórica.

Financiamento: Esse trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Econômicas da UFMG, cujas bolsas são financiadas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

1- Introdução

Desde ao menos o início do século XIX, uma interpretação dominante da *Riqueza das Nações* (WN) se estabeleceu no ambiente intelectual britânico. Essa interpretação, em termos gerais, entende a WN como um tratado de economia política, isto é, como uma obra que trata estritamente de questões contidas no campo da produção, circulação, distribuição e consumo da riqueza. E, nesse sentido, como um trabalho que não possui associação direta com a filosofia moral.

Essa interpretação, ademais, associou a WN a uma forma específica de conceber a disciplina da economia política: “[...] como uma teoria voltada para explicar a maneira pela qual a busca irrefreada dos interesses pessoais conduziria, através dos mecanismos de mercado, aos melhores resultados possíveis em termos de bem-estar para os indivíduos que compõem uma dada sociedade” (CERQUEIRA, 2003, p. 6), contribuindo, dessa maneira, para reduzir a obra a um tratado em defesa do livre-comércio (TEICHGRAEBER, 1987, p. 340). Ao fazê-lo, ignorou, em grande medida, o conteúdo dos livros III e V dessa obra, além de não levar em consideração a necessidade de estabelecer vínculos entre ela e as outras obras de Smith publicadas em vida, especialmente sua obra de filosofia moral (TRIBE, 1999, p. 613).

Atualmente, contudo, em contraste com a interpretação convencional da WN, há um vasto corpo de literatura sobre Smith que busca compreender o sentido da obra em seu contexto intelectual e histórico. As novas interpretações que ganharam terreno a partir da publicação da edição crítica de suas obras, de 1976 a 1983, lograram criar uma nova imagem do filósofo escocês¹. Se há alguma convergência geral quanto a estas interpretações, pode-se dizer que é no sentido de entender Smith como um pensador mais complexo e multidisciplinar, preocupado com uma diversidade de questões do seu tempo, que transcendem o escopo da Economia Política²

O contraste verificado entre a compreensão tradicional da obra de Smith e aquela que se desenvolveu nas últimas décadas levanta uma série de questões quanto às condições que possibilitaram um certo tipo de interpretação de sua obra no passado. Isto é, das condições que deram ensejo à forma convencional de compreender esta obra, gestada ainda no século XIX, e da forma pela qual ela foi transmitida para gerações futuras.

Essa questão é de extrema relevância para entender como se formou uma interpretação muito seletiva da WN a partir do final do século XVIII e início do século XIX. Vários parecem ter sido os fatores que contribuíram para reduzir e filtrar as ideias de Smith, comprometendo seu legado intelectual e histórico, como, por exemplo, interesses políticos e ideológicos³, interesses pessoais⁴ e a própria estrutura discursiva dos textos⁵. Além disso, a obra de Smith como um todo foi apenas recentemente publicada, após a descoberta de volumes distintos contendo notas tomadas por alunos de suas aulas de jurisprudência natural e de retórica e belas letras, ministradas durante o tempo em que ocupou a cadeira de filosofia moral em Glasgow. Assim, o material disponível mais do que dobrou após a publicação da *Glasgow Edition*

¹ As referências às obras de Smith serão feitas com base no sistema adotado na *Glasgow Edition*, com a sigla de cada obra (em inglês) seguida pela numeração das partes ou seções, capítulos e parágrafos.

² Para uma revisão da literatura recente sobre de Smith, ver Cerqueira (2003).

³ Cf. Willis (1979), Rothschild (1992), Palyi (1996) e Faccarello e Steiner (2002).

⁴ Cf. Milgate e Stimson (1996).

⁵ Cf. Brown (1994).

(TRIBE, 1999, p. 612), evidenciando, na prática, o fato de que os primeiros intérpretes do filósofo escocês não leram o mesmo Smith que os comentadores recentes.

Uma das formas de compreender como Smith foi lido no início do século XIX e como suas ideias foram transmitidas para as gerações seguintes é através da história das edições da WN.

Após 1804, quando expirou o *copyright* de suas duas principais obras, surgiu um grande número de novas edições da WN, sendo-lhes característica a presença de material introdutório, notas ao longo do texto e intervenções de grande porte dos editores, como a introdução de novos capítulos e volumes com comentários. Tribe (2002) alerta para o fato de que muitas vezes as introduções traziam opiniões dos editores diretamente relacionadas ao conteúdo e à forma de compreensão da WN. Muitas delas traziam “protocolos de leitura”, indicando a forma pela qual o livro deveria ser lido para facilitar o estudo e dizendo quais capítulos eram importantes e quais não.

O presente trabalho busca fazer uma análise das edições britânicas da WN, especialmente aquelas publicadas entre 1804 e 1828 que continham introduções, prefácios, seções biográficas, notas ao longo do texto e outras formas de intervenção do editor sobre o texto original de Smith. O objetivo da pesquisa é entender a forma pela qual Smith estava sendo lido por indivíduos relacionados à publicação, divulgação e transmissão de suas ideias na forma impressa, dentre os quais se incluem renomados filósofos e economistas políticos da época, como Dugald Stewart, Germain Garnier e John Ramsay McCulloch.

Além dessa introdução, o trabalho se divide em duas seções e uma conclusão. Na seção 2, é feita uma breve revisão da literatura sobre a recepção inicial da WN na Grã-Bretanha de 1776 até o início do século XIX. Na seção 3, realiza-se uma análise das edições britânicas publicadas entre 1804 e 1828 e consideradas relevantes para os objetivos acima mencionados. Por fim, a conclusão apresenta uma síntese das duas seções anteriores.

2- A recepção da Riqueza das Nações na Grã-Bretanha no século XVIII

Entre 1776 e 1804 foram publicadas 10 edições da WN pelas casas editoriais com os quais Smith havia originalmente estabelecido um contrato que garantia o direito à reimpressão. Essas edições não continham intervenções editoriais substantivas, uma vez que as notas e o material introdutório foram escritos pelo próprio Smith⁶. Foi apenas a partir de 1804 que as edições britânicas passaram a conter, de forma sistemática, intervenções editoriais de maior porte.

Há uma controvérsia entre os comentadores recentes de Smith quanto ao sucesso relativo e à influência da WN nas primeiras décadas que seguiram à publicação da primeira edição. Durante muito tempo pensou-se que a popularidade e a influência de Smith haviam sido imediatas (RASHID, 1982, p. 64-66); no entanto, alguns autores, como Willis (1979), Rashid (1982) e Teichgraeber (1987), apontaram para o fato de que o processo de recepção e absorção das ideias de Smith foi lento e menos trivial do que antes se imaginou. Segundo esses autores, a investigação acerca desse processo é importante para ter-se uma compreensão de como se constituiu, nas palavras de Willis (1979, p. 505), uma “ideologia da economia política”.

⁶ A única grande revisão textual feita por Smith foi publicada a partir da terceira edição, de 1784, que forneceu o texto padrão das edições futuras. À terceira e à quarta edições, respectivamente, foram acrescentados curtos prefácios escritos por Smith, que passaram a ser incluídos em todas as edições seguintes, junto com um index (cf. SHER, 2002, p. 19; SHER, 2004, p. 17).

Sem discordar dessa última afirmação, Sher (2004) apresenta uma interpretação alternativa quanto ao processo de publicação e recepção da WN. Valendo-se de uma metodologia da história dos livros, ele afirma que há evidências suficientes para afirmar que a WN foi um livro de excepcional sucesso para o seu gênero, ao menos em termos de vendas de exemplares e lucratividade para as casas editoriais e para o autor. Em suma, Sher (2004, p. 20) argumenta que, embora o número de exemplares vendidos e o número de novas edições da WN tenha acelerado a partir de 1790, esse processo se deu em continuidade – e não em “ruptura” – com o que ocorrera nos anos anteriores.

Uma parte da questão envolvendo essa controvérsia refere-se a aspectos metodológicos. Rashid (1982) e Teichgraeber (1987), como historiadores das ideias:

[...] julgam a recepção de um livro a partir das coisas que os contemporâneos escreveram e disseram sobre ele, de acordo com o que está documentado em panfletos, cartas, memórias, revisões, discursos, artigos de jornais, livros e outras fontes disponíveis [...], como também a partir das coisas que os contemporâneos não disseram e escreveram sobre ele” (SHER, 2004, p. 24, tradução livre).

Sher, por sua vez, vale-se de métodos que permitem avaliar o sucesso relativo de um livro a partir de critérios associados aos contratos entre autores e publicadores e às vendas. É preciso notar que a “popularidade” de uma obra não implica, necessariamente, em reconhecimento e influência, como parece notar Rashid (1982, p. 66). Ou seja, uma obra cujas vendas sejam relativamente altas não necessariamente atinge, simultaneamente, reconhecimento público ou exerce influência sobre outros pensadores.

Nesse sentido, a crítica de Sher (2004) deve ser devidamente qualificada, pois embora Rashid e Teichgraeber tenham de fato se equivocado quanto à “popularidade” inicial da WN no que se refere às vendas e à velocidade com a qual a obra chegou até o público, a constatação de uma certa ausência de comentários, pronunciamentos e referências ao trabalho de Smith é sugestiva quanto a outros aspectos.

Isso porque os historiadores das ideias, especialmente quando se trata de entender como as ideias foram formadas e transmitidas, precisam ir além do alcance “físico” ou tangível da publicação das obras, e analisar o que o “público alvo” comentou e escreveu sobre ela⁷. Nesse sentido, Teichgraeber (1987) ainda é muito relevante quando afirma que o processo de “canonização” da WN enquanto um tratado em defesa da liberdade de comércio ganhou tom mais vigoroso a partir dos anos 1790.

De qualquer maneira, é importante notar que, a partir da morte de Smith, o processo de solidificação de uma representação dominante da WN adentrou uma nova etapa. A partir desse período, as citações, menções e alusões a Smith no parlamento cresceram (TEICHGRAEBER, 1987; WILLIS, 1979), de modo que pode-se dizer que sua influência estava igualmente crescendo. Além disso, segundo Teichgraeber (1987), Smith foi muito citado nos panfletos da última década do século XVIII.

Segundo Rothschild (1992), havia ainda, até meados dos anos 1790, dissonâncias interpretativas expressivas quanto ao significado das ideias contidas na WN. Durante os períodos iniciais da revolução na França, as ideias de Smith eram vistas com certa cautela e desconfiança por muitos na Grã-Bretanha, enquanto que atraíam a atenção de vários revolucionários franceses, sobretudo em função de suas críticas às instituições, aos privilégios

⁷ Cf. Pocock (2003, p. 81).

políticos e aos monopólios. Na realidade, o clima de tensão política que predominou na Grã-Bretanha após o estopim da Revolução Francesa e sobretudo após a declaração de guerra em 1793, em muito influenciou a forma pela qual novas ideias, especialmente aquelas que apresentavam conteúdo crítico, eram tidas. Dugald Stewart (1811, p. 130) comenta sobre esse referido clima:

[...] na época em que essa biografia foi lida diante da *Edinburgh Royal Society* [1793], não era incomum, mesmo entre homens de algum talento e informação, confundir deliberadamente as doutrinas especulativas da Economia Política com aquelas discussões relacionadas aos primeiros princípios do Governo, que naquele tempo infelizmente agitavam o espírito do público. A doutrina do Livre Comércio era, em si, tida como de tendência revolucionária; e alguns que antes se orgulhavam de sua intimidade com o Sr. Smith, e do zelo com que propagavam seu sistema liberal, começaram a questionar a conveniência de sujeitar às disputas dos filósofos, os mistérios da Política de Estado e a sabedoria insondável dos tempos feudais.

Rothschild (1992, p. 79-84) sugere que Stewart contribuiu para transmitir a imagem de um Smith “conservador”, como uma forma de salvaguardar a reputação do amigo em meio ao referido clima de tensão política da Grã-Bretanha. A WN seria, a partir da forma pela qual Stewart a retratou, um tratado em defesa da liberdade de comércio e uma crítica moderada ao “sistema mercantil”. Smith seria cauteloso e prudente, segundo Stewart, quanto à aplicação prática de princípios puramente teóricos, de modo que defendia que fosse lenta e gradual.

De qualquer maneira, parece seguro afirmar que, a partir da primeira década do século XIX, começou a se cristalizar uma interpretação seletiva da WN. Nesse contexto começaram a surgir novas edições da WN, após o vencimento do *copyright*; segundo Sher (2004, p. 20), em 1812, com mais de vinte edições britânicas publicadas, a WN se tornou um dos livros acadêmicos mais vendidos da Grã-Bretanha. Essas novas edições muito viriam contribuir para a consolidação dessa interpretação.

3- As edições britânicas da *Riqueza das Nações* de 1804 até 1828

Nesta seção é feita uma análise das edições britânicas da WN que surgiram entre os anos 1804, quando do vencimento do *copyright* da WN, e 1828, quando surgiu a edição de Edimburgo publicada por Black e Tate, e editada por McCulloch.

A edição de McCulloch, publicada pela primeira vez em 1828, foi, segundo Tribe (2002, p. 37), a mais conhecida do século XIX, tendo sido escolhida como o limite da análise do trabalho. Isso porque o interesse da pesquisa se reduz na medida em que uma representação dominante da WN ganhou forma no ambiente intelectual da Grã-Bretanha nesse período; e parece seguro afirmar que a terceira década do século constitui uma delimitação adequada nesse sentido. A própria natureza do interesse pela WN começara a mudar, tornando-se mais metodológica e histórica do que propriamente relacionada à adequação e à validade dos princípios de economia política (TRIBE, 2002, p. 40).

O ano de 1804 é um divisor de águas na história das edições da WN. Isso porque foi quando expirou o *copyright* da obra, de modo que muitas novas edições começaram a aparecer para o público britânico a partir de 1805. Entre 1805 e 1828 foram publicadas ao menos 27 edições diferentes da WN na Grã-Bretanha, sendo que no mínimo 17 delas continham intervenções textuais dos editores, tais como um *Advertisement*, prefácios, introduções, guias

de leitura, ensaios e seções biográficas, capítulos suplementares, além das tradicionais notas ao longo do texto (cf. TRIBE; MIZUTA, 2002, p. 242-255).

As intervenções dos editores em inúmeros casos correspondiam a tentativas de mostrar os supostos equívocos de Smith, de atualizar suas doutrinas e mesmo completá-las (TRIBE, 2002). Os casos mais notáveis desse tipo de intervenção foram as edições de Playfair (1805), Buchanan (1814) e McCulloch (1828): todas elas continham “capítulos suplementares” escritos pelos próprios editores. No caso de Playfair, esses capítulos foram intercalados com os capítulos originais da obra; Buchanan e McCulloch anexaram um volume inteiro com comentários. McCulloch também escreveu uma longa e famosa introdução à obra.

Além desse tipo de intervenção, a mais frequente entre as edições britânicas da primeira metade do século XIX era a presença de uma seção sobre a vida de Smith e de dois ensaios de Germain Garnier, um economista francês que havia traduzido a WN e publicado uma edição em 1802 em Paris. Em 1805 foi publicada uma edição em Glasgow que continha, pela primeira vez, além de uma seção chamada *Life of the Author*, a tradução de dois dos ensaios de Garnier, de títulos: *A Short View of the Doctrine of Smith, Compared with that of the French Economists (View)* e *Method of Facilitating the Study of Dr. Smith's Work (Method)*.

O *View* consiste em uma apreciação crítica, na qual Garnier traça um paralelo entre a “doutrina de Smith” e aquela dos Fisiocratas, e aponta também, segundo ele, a natureza da contribuição de Smith. Já o *Method* era uma espécie de “guia de leitura”, que pretendia contornar inconveniências do texto, oriundas das longas “digressões” de Smith, e facilitar a compreensão da doutrina, apresentando uma ordem supostamente mais apropriada para a leitura (cf. FACCARELLO; STEINER, 2002, p. 95). Essa ordem, que em muito se assemelha à ordem lógica de apresentação do texto adotada em outras obras posteriores de economia política, não apenas subverte a ordem originalmente idealizada por Smith, como também ignora várias seções da obra e elenca quais livros da WN são mais importantes.

Em 1806, surgiu uma nova edição em três volumes, de William Creech, sem notas editoriais, contendo um *Advertisement*, uma seção de título *Life of Dr. Adam Smith* e também os dois ensaios de Garnier. Como notam Tribe e Mizuta (2002, p. 245), o formato e o conteúdo dessa edição tornaram-se o padrão adotado em pelo menos 10 edições lançadas entre 1809 e 1828. Tribe (2002, p. 37) afirma que outras 21 edições nesse mesmo formato foram impressas ao longo dos 40 anos que se seguiram a 1827, de modo que: “[...] pode-se dizer, com alguma razão, que, durante a primeira metade do século XIX, o mais frequentemente acessível guia à *Riqueza das Nações* em inglês foi aquele de Germain Garnier”.

As subseções seguintes tratam das edições referentes ao período de 1805 a 1828, dando ênfase para a análise das intervenções dos editores. Optou-se por analisar diretamente as intervenções de interesse, sem seguir estritamente a ordem cronológica, pois assim a análise das edições e das intervenções mais importantes torna-se mais organizada. Dessa forma, nas subseções 3.1.1 até 3.1.3, abordaram-se as três edições que traziam as maiores intervenções diretas por parte dos editores, a saber, as edições de Playfair, Buchanan e McCulloch. Na subseção 3.1.4, abordaram-se as intervenções mais frequentes presentes nas edições da primeira metade do século XIX, a saber, a narrativa de Stewart sobre a vida e a obra de Smith (e suas variantes), e os dois ensaios de Garnier.

3.1- As edições britânicas da Riqueza das Nações e as intervenções dos editores, 1805-1828

3.1.1- William Playfair (1805)

No ano de 1805 surgiram quatro edições britânicas da WN, duas das quais traziam grandes intervenções dos editores. Uma delas foi a edição de Londres, publicada por Cadell and Davies, tendo sido editada por William Playfair. Essa edição continha, para além do conteúdo original, um *Advertisement*, um prefácio do editor, uma seção de título *The Life of Dr. Smith*, notas ao longo do texto e capítulos suplementares, escritos pelo editor e introduzidos em meio aos capítulos originais.

Essa edição foi prontamente tida como de péssima qualidade, como pode ser constatado na nota escrita por Francis Horner no *Edinburgh Review* de janeiro de 1806. Horner (1806, p. 470-1) afirma que Playfair é ignorante quanto à doutrina de Smith e quanto à própria ciência da economia política; ele critica o fato do editor ter adicionado comentários sob a forma de capítulos suplementares (ao invés de se ater às notas editoriais), e, pior, de tê-los interpolado em meio aos capítulos originais, de forma a subverter a ordem pretendida por Smith.

Os capítulos suplementares, nos quais Playfair tenta corrigir e/ ou completar o texto de Smith aparecem a partir do Livro IV. No primeiro deles, de título *On the Commerce of Grain, Monopolies, and Forestalling*, ele critica a tese exposta na seção *Digression concerning the Corn Trade and the Corn Laws*, de que o livre comércio de grãos é a forma mais eficaz de evitar a fome. Em seguida, no capítulo suplementar de título *On Treaties of Commerce*, afirma que Smith não analisou suficiente o assunto dos tratados de comércio, assumindo então a tarefa para si mesmo. Insere mais três capítulos suplementares, na mesma linha, no Livro V.

As intervenções de Playfair, além de muito invasivas, foram malvistas sobretudo em função da falta de autoridade do editor quanto às discussões de economia política. Não obstante, é em si digno de nota o fato de que quase a totalidade dos comentários do editor se restrinjam à linguagem da economia política. Playfair apresenta, em várias ocasiões, críticas e questionamentos em relação às afirmações e aos princípios de Smith, mas em praticamente nenhum momento seus apontamentos abrangem aspectos relacionados à filosofia moral, à justiça, ou ao sistema de liberdade natural, que, por sua vez, integram a linguagem de Smith⁸.

A seção biográfica, escrita por Playfair, é talvez a mais esdrúxula narrativa sobre a vida do pensador escocês já publicada em uma edição da WN. Valendo-se em parte do *Account* de Stewart, Playfair gasta uma parte considerável da narrativa para falar sobre os "economistas" franceses, sua relação com a Revolução Francesa e a relação de Smith com eles⁹. Sua intenção era defender Smith de qualquer acusação de aproximação com as ideias supostamente subversivas dos franceses (PLAYFAIR [Life], 1805, p. xvi).

Segundo ele, embora os *économistes* não tivessem culpa direta pelo que ocorrera na França revolucionária, eles tinham em parte responsabilidade, por terem se deixado associar com os "filósofos", um suposto grupo de homens letrados cujo objetivo era derrubar a religião e subverter a ordem social existente (*ibid.*, p. xviii-xix). As ideias dos membros desse grupo subversivo, segundo Playfair, inspiraram o povo francês, fomentando o ódio à religião e à nobreza, e dando ensejo a "absurdos da mais perigosa tendência" (*ibid.*, p. xxvii). Embora mesmo os filósofos não imaginassem o curso que a Revolução tomaria, eles eram culpados de

⁸ Cf., por exemplo, WN I.x.c.12, I.x.c.27, I.x.c.59, I.x.c.61, II.ii.94, III.ii.6, IV.v.b.16, IV.v.b.39, IV.ix.17, IV.ix.51, entre outros.

⁹ Ele também abordou o assunto no capítulo suplementar de título *On the French Oeconomists*.

“destruir os laços que mantêm a sociedade unida, e de solapar as opiniões religiosas, das quais dependem o conforto dos indivíduos e a felicidade da sociedade” (*ibid.*, p. xxviii, xxix).

Playfair então caminha para dizer que, embora Smith tenha conhecido alguns dos economistas e com eles tenha mantido contato, ele não teve relação com o ocorrido na França, e tampouco estava à par do “segredo” da seita dos economistas franceses. Segundo o editor: “Não há conexão entre economia política e pensamento livre em termos de religião; e com respeito à igualdade, a divisão do trabalho, que é a verdadeira base da riqueza, é uma barreira eterna a ela”; e continua: “Ocorre o mesmo com a economia política [do que com a religião], cujos verdadeiros princípios não têm qualquer relação com o Clube Jacobino” (*ibid.*, p. xxx).

Ele afirma, então, que Smith tinha razão em todas as suas divergências em relação à teoria dos franceses, e que todos os pontos de concordância entre ambos eram *necessários* e *inevitáveis*, de modo a afirmar que isso nada tinha que ver com o caráter subversivo da teoria dos Economistas. Por fim, Playfair diz que o único ponto da teoria de Smith em que ele foi enviesado pelos *économistes*, indo na contramão da verdade, refere-se à sua doutrina do livre comércio (*ibid.*, p. xxxi), que, para ele, não se aplicaria a todos os mercados como um meio eficaz para a prosperidade da nação.

O curioso fato de Playfair se ver na necessidade de prestar esses esclarecimentos, como nota Tribe (2002, p. 34), é sugestivo quanto ao contexto político em que escreveu, e quanto à tensão que existia em virtude dos andamentos da Revolução na França. Não obstante, ao colocá-los dessa forma, diverge completamente do intuito de escrever uma seção de biografia do autor para tecer considerações cujo sentido fundamental é tentar defender Smith da acusação de subversão.

3.1.2- David Buchanan (1814)

Em 1814 surgiu a edição de Edimburgo, publicada por Oliphant, Waugh & Innes, e editada por David Buchanan. Essa edição da WN não continha material introdutório do editor e era composta de quatro volumes, sendo que a obra de Smith propriamente dita estava presente nos três primeiros. O quarto volume, de título *Observations on the Subjects Treated of in Dr. Smith's Inquiry (Observations)*, foi inteiramente escrito por Buchanan, sendo quase que uma obra separada, contendo uma introdução e pouco menos de 500 páginas, nas quais Buchanan discutia assuntos presentes na WN, tais como: trabalho produtivo e improdutivo, salários, capital e princípios da moeda metálica. Além disso, a edição continha numerosas notas ao longo do texto, cujo tom geral era, assim como no caso de Playfair, tentar corrigir Smith (TRIBE, 2002, p. 36).

Na introdução das *Observations* (p. xv), Buchanan traça, em linhas gerais, o que acredita ser os principais méritos de Smith, em contraste com a doutrina dos economistas franceses, assim como aponta, segundo sua compreensão, os principais defeitos da obra. Dessa forma, Buchanan afirma ser o objetivo de seu próprio trabalho retificar o que está errado e fora de propósito na WN, atualizar as reflexões de Smith e apresentar um sistema completo de economia política.

O editor começa por dizer que o grande mérito da WN foi ter levado a cabo uma mudança no estado da *ciência política*, estabelecendo as bases de uma nova ciência, na medida em que buscou explicar as relações sociais mais essenciais, fornecendo lições para a legislação (*ibid.*, p. i-ii, viii). Antes da obra de Smith, segundo ele, todo o conhecimento relativo a essa

área era muito óbvio e pouco original, ou então estava espalhado em máximas desconexas e não demonstradas de forma rigorosa, o que fazia dessa ciência uma disciplina repleta de preconceitos e situada muito longe da verdade (*ibid.*, p. ii).

Os Fisiocratas tiveram o mérito, segundo Buchanan (*ibid.*, p. ii-iv) de ter percebido que a legislação, para ser útil, deveria se conformar às leis que regulam a própria existência da sociedade; e que o verdadeiro objetivo do legislador deveria ser o de dar suporte ao sistema social como este aparece naturalmente, sem interferir no curso espontâneo das coisas de acordo com as suas próprias concepções particulares de conveniência. No entanto, o sistema concebido pelos franceses, de acordo com Buchanan (*ibid.*, p. iv-v), valia-se de muitos “dogmas” equivocados.

A crítica mais fundamental aos franceses, e a mais interessante, é que, segundo Buchanan (*ibid.*, p. vi-vii), mesmo tendo exposto o sistema de livre comércio de forma consistente, os franceses parecem tê-lo derivado de princípios abstratos de direito, e não de questões práticas, de conveniência. Isso seria uma espécie de erro metodológico, a partir do qual os franceses, ao provar sua doutrina como justa, e não como conveniente, se tornaram pouco práticos, fazendo de sua ciência menos útil (*ibid.*, p. vii).

Logo em seguida, ele afirma que a obra de Smith está em evidente contraste com toda a teoria abstrata (*ibid.*, p. viii), querendo dizer, com isso, que o sistema de Smith não se assenta em questões de justiça, mas de conveniência. Essa interpretação vai em desacordo com aquelas que entendem que a WN é permeada por questões de ordem moral que transcendem a perspectiva utilitária. Buchanan deixa claro que ele interpreta a WN como um tratado voltado quase que exclusivamente para considerações sobre a riqueza. Ele afirma que Smith reduziu em demasia o escopo de sua investigação:

Ao reduzir o objeto e os limites da sua investigação à riqueza das nações, Smith adotou uma visão por demais estreita da ciência da qual trata [economia política], uma vez que ela é um ramo mais elevado da legislação, e, portanto, deve abranger várias outras questões interessantes que são por completo desconectadas da riqueza (*ibid.*, p. viii-ix).

Segundo a compreensão de Buchanan, a economia política é uma ciência abrangente do governo, cujo objeto, embora englobe a riqueza e o comércio, não se limita a eles, sendo, na realidade: “[...] uma especulação fundada nos princípios da justiça e da política (*policy*) [...] e cujo objetivo é explicar aquelas leis fundamentais da sociedade às quais todas as regulações humanas *devem* necessariamente se subordinar” (*ibid.*, p. ix-x). Ele prossegue dizendo:

De acordo com essa visão da ciência, ela deve compreender muitas questões interessantes, as quais, por não ter relação com a riqueza, o Dr. Smith é impossibilitado de considerar pelos termos de seu projeto; e, embora ele desvie de sua própria regra no curso de suas investigações, o objeto é eventualmente apresentado ao leitor em uma forma estranha e desinteressante, em função da restrição que ele mesmo se impôs (*ibid.*, p. x).

Como visto, Buchanan interpreta a WN como uma obra de economia política cujo objeto foi restringido apenas aos assuntos relacionados à riqueza, que, segundo ele, seria menor do que o verdadeiro objeto dessa ciência. Nesse sentido, para ele, Smith muitas vezes extrapola os limites do seu objeto de investigação, por exemplo, quando fala da defesa nacional, dando-lhe um tratamento de economia, e não de política (*policy*), dissertando sobre as formas mais baratas de manter a defesa, e não necessariamente sobre as melhores formas de o fazê-lo. Essa teria

sido a forma achada por Smith, segundo ele, para adequar os assuntos que fogem aos propósitos de seu trabalho (*ibid.*, p. x-xi).

Como se vê, ao ler a WN da forma descrita acima, Buchanan só pode conceber as partes da obra que não estão diretamente associadas à riqueza como anomalias, que não se encaixam muito bem no todo. Esse tipo de interpretação da obra já era comum pelo menos desde as primeiras edições posteriores a 1805; Garnier (1805, p. xlii), por exemplo, já havia escrito no *Method*, que o conteúdo fundamental da WN estava contido nos livros I e II, e que os outros três livros podiam ser lidos separadamente, uma vez que nada acrescentavam àqueles. McCulloch também fez comentários dessa natureza.

3.1.3- John Ramsay McCulloch (1828)

Em 1828, Black e Tate publicaram uma edição da WN editada por McCulloch, que, segundo Tribe (2002, p. 37), foi a mais conhecida do século XIX. Essa edição continha um prefácio do editor, uma seção biográfica de título *Sketch of the Life of Dr. Smith (Sketch)*, uma longa seção introdutória de título *Introductory Discourse (Discourse)*, muitas notas ao longo do texto e, ao final, um volume inteiro com notas e dissertações suplementares do editor, que somava quase 600 páginas.

McCulloch (1828 [Preface], p. v-vii) inicia o prefácio fazendo menção às mudanças que ocorreram em várias nações da Europa e em suas legislações desde a primeira publicação da WN e o deflagrar da Revolução Francesa, que deram brecha para novos desenvolvimentos na ciência da economia política. Segundo ele, novos princípios foram descobertos, que anteriormente haviam escapado à atenção de Smith, ou que ele havia apenas incidentalmente considerado; além disso, alguns dos princípios sancionados pelo filósofo escocês como verdade haviam se mostrado então parcial ou integralmente rejeitados. Não obstante, “[...] os maiores e mais destacados méritos de Smith continuam incólumes. Nada de importante foi, até aqui, acrescentado à sua completa e magistral exposição dos benefícios oriundos da liberdade de indústria [...]” (*ibid.*, p. viii).

O *Sketch* consiste basicamente em um resumo da narrativa de Stewart, com o acréscimo de algumas observações. Contudo, os trechos nos quais Stewart opina e analisa o conteúdo das obras e do pensamento de Smith foram omitidos, e McCulloch afirma que seus comentários sobre as teorias e as doutrinas da WN foram confinados ao *Discourse*. À guisa de conclusão, escreve: “Não pode haver dúvida com respeito à reivindicação de o Dr. Smith ser considerado o verdadeiro fundador do moderno sistema de Economia Política” (*Sketch*, p. xxvii).

A seção seguinte é o *Discourse*, que se constitui esquematicamente como uma linha do tempo cujo objeto é a trajetória da economia política. A WN é situada no coração dessa trajetória, sendo, para McCulloch, um marco da fundação da economia política moderna e, também, um ponto de chegada, assim como um ponto de partida. Uma chegada porque representa, seguindo a linha de McCulloch (*Discourse*, p. lxii, lxviii-lxix), o primeiro e mais completo esforço de sistematização dos verdadeiros princípios dessa ciência, cujas ideias fundamentais já haviam sido esporadicamente e ocasionalmente expostas em tratados e obras anteriores, mas cuja verdade, contudo, não havia sido exposta de forma sistêmica e coerente. Um ponto de partida porque tornou-se a referência obrigatória para todas as obras de Economia Política posteriores que, embora façam críticas aos pontos em que Smith foi omissos e/ou equivocados, devem necessariamente estabelecer um diálogo com ela.

Na primeira subseção do *Discourse*, McCulloch traça um panorama geral do desenvolvimento da ciência da economia política até a publicação da WN. Ele parte da consideração da importância social do objeto dessa ciência. Segundo ele, a riqueza é importante não somente por prover a satisfação das necessidades básicas, mas também porque o seu acúmulo permite que as “faculdades superiores” dos homens floresçam em sociedade: “[...] a aquisição de riqueza é desejável não apenas por ser um meio de obter gratificações diretas e imediatas, mas também por ser indispensavelmente necessária ao avanço civilizatório e refinamento da sociedade” (*ibid.*, p. iii).

McCulloch dá início então a uma longa análise da história da economia política, começando por mostrar as razões que levaram a um atraso no seu nascimento e desenvolvimento (*ibid.*, p. iv-ix). Em seguida, ele apresenta uma análise dos principais panfletos do Reino Unido dos séculos XVII e XVIII, destacando as principais contribuições para a defesa do “sistema mercantil e as críticas que foram sendo feitas em vários tratados, embora de forma pouco sistemática e sem grande impacto na opinião pública, a esse sistema (*ibid.*, p. xviii-xx).

Embora essa literatura, em conjunto com a francesa e a italiana, tenha trazido ideias importantes para a constituição da ciência da economia política, como a do trabalho como fonte da riqueza, as críticas às regulações comerciais e a reivindicação por maior liberdade de indústria, faltava-lhe, segundo McCulloch, uma sistematização e coerência necessárias para qualquer investigação científica (*ibid.*, p. lvii). A primeira empreitada, de notória originalidade, que significou um grande passo para a economia política, elevando-a à categoria de ciência, segundo McCulloch (*ibid.*, p. lviii), foi feita por Quesnay, que buscou investigar e analisar as fontes da riqueza, com a intenção de revelar os princípios fundamentais da ciência.

Na segunda parte, McCulloch expõe os principais méritos e defeitos da WN. Antes de tudo, reconhece que o filósofo escocês teria tratado a ciência da economia política pela primeira vez em sua toda a sua completude e abrangência, ao realizar uma investigação sistemática, levada às últimas consequências, dos princípios dos quais dependem a produção e a distribuição da riqueza (*ibid.*, p. lxviii-lxix). No entanto, a maior parte desta seção destina-se a apontar alegados defeitos da doutrina de Smith, que foram objeto de crítica e reformulação posterior por parte dos economistas políticos.

A primeira crítica é que, segundo McCulloch (*ibid.*, p. lxx), Smith reconheceu que *nem sempre* o que é mais vantajoso para o indivíduo, em sua busca por seu próprio interesse, é o mais vantajoso para a sociedade. Essa suposta “falha” em seu argumento se deve, segundo McCulloch, à evidente afinidade que Smith apresenta com o sistema dos economistas franceses, que o levou a eleger a agricultura como o setor mais produtivo, embora os demais também fossem produtivos (cf. TRIBE, 2002, p. 38-9). As demais críticas, inspiradas em seus conhecimentos sobre as teorias de Malthus e Ricardo, referem-se aos seguintes aspectos da Riqueza das Nações: ao conceito de trabalho produtivo, aos erros presentes na doutrina do valor das mercadorias, aos erros presentes na doutrina da renda da terra e à ideia de que o valor do trigo é o mais invariável entre as mercadorias.

Por fim, McCulloch (*ibid.*, p. lxxx) resume o conteúdo de cada livro. Os livros I e II contém, segundo ele, tudo o que estritamente pertence à teoria da produção e distribuição da riqueza, enquanto que grande parte dos assuntos do Livro V pertencem mais à ciência política do que à economia (*ibid.*, p. lxxx-lxxx). Com isso, ele dá a entender, como fizeram outros

editores, que esses trechos da WN, especialmente no que tange o último livro, têm natureza diferente dos demais, o que os torna, de certa forma, menos interessantes ou anômalos, como que frutos de alguma falta de organização de Smith em relação ao conteúdo de seu próprio trabalho¹⁰.

A leitura da intervenção de McCulloch deixa claro que sua interpretação é uma que enxerga a WN essencialmente como uma obra de economia política. A erudição desse comentador quanto à história da disciplina e o fato de pensá-la levando em consideração a relação entre a formação das sociedades modernas e um certo “progresso civilizatório” possibilitado pelo aumento da produção de riqueza, não impedem que ele interprete a WN como uma contribuição à economia política nos moldes de seu cânone oitocentista. Todas as suas notas que contêm críticas, revisões, atualizações e ou elogios, têm conteúdo restrito ao escopo dessa “ciência”; não há menção à TMS, e tampouco qualquer tentativa de mostrar como aspectos da economia política de Smith estão entrelaçados com ideias de justiça, embutidas no sistema de liberdade natural, que assume um tom próprio da filosofia moral dos séculos XVII e XVIII.

3.1.4- Seções biográficas e guias de leitura: a narrativa de Stewart, suas variantes, e os dois ensaios de Garnier

Como dito anteriormente, em 1805 surgiu uma edição de J. & J. Scrymgeour, que trazia pela primeira vez uma tradução das duas primeiras partes do *Préface du Traducteur* de Germain Garnier, assim como uma seção biográfica que em muito se apoiava na narrativa de Dugald Stewart, de 1793, mas que acrescentava outras informações biográficas (TRIBE; MIZUTA, 2002, p 243-4). No entanto, foi o formato da edição de Creech, de 1806, que deu o padrão a ser seguido em muitas outras edições do século XIX, fazendo com que o guia de leitura da WN, em inglês, mais acessível ao público tenha sido aquele escrito por Garnier. Indo além dessa observação, pode-se dizer também que a nota biográfica mais acessível foi uma que se baseou, em grande medida, na narrativa de Stewart.

O *Account* de Stewart¹¹, como mencionado, foi publicado pela primeira vez nas *Transactions* da *Edinburgh Royal Society* em 1794. Ele viria a aparecer, na íntegra, até 1828, nos seguintes livros (na Grã-Bretanha): EPS (1795; 1822), *Biographical Memoirs, of Adam Smith, LL.D. of William Robertson, D.D. and of Thomas Reid, D. D.* (1811), *The Works of Adam Smith, LL.D.* (1812) e em uma edição da WN de Hartford (1818). Não obstante, teve influência direta em todas as seções biográficas que foram afixadas em edições da WN nesse período, nas quais o texto alude, menciona ou cita diretamente, em várias ocasiões, o texto de Stewart. Por essa razão, faz-se necessária uma breve análise do *Account* original e de suas implicações, assim como das variantes que foram escritas por outros editores, de modo a entender em que sentido divergiram da narrativa original.

É de interesse mais imediato o conteúdo da quarta seção do texto, no qual Stewart faz comentários sobre o *tema* e a *intenção* da WN. Stewart inicia a seção fazendo observações sobre

¹⁰ Tribe (1999, p. 613) nota que os economistas clássicos em geral tenderam a ignorar o conteúdo dos livros III e V da WN.

¹¹ As referências ao texto original serão feitas seguindo o padrão adotado na versão dos EPS da *Glasgow Edition* (1982), em que se escreve o sobrenome do autor, seguido de uma vírgula e um algarismo romano indicando a seção, seguido por um ponto e pelo número do parágrafo de referência, como, por exemplo, Stewart, I.15.

o contexto intelectual em que se situa a WN e o sentido da obra, em contraste com as antigas “especulações” sobre a prosperidade das nações e, portanto, sobre a política e a legislação (Stewart, IV.8). Ele afirma que essas observações devem servir como uma espécie de introdução *necessária* para seus comentários sobre o conteúdo da obra:

[...] na medida em que tendem a ilustrar uma *conexão* entre o seu [de Smith] sistema de política comercial e aquelas especulações de seus primeiros anos, em que ele buscava mais declaradamente o avanço do aprimoramento e da felicidade humanos. É apenas essa concepção de economia política que pode interessar os moralistas, e dignificar, aos olhos do filósofo, os cálculos de lucro e prejuízo. O Sr. Smith aludiu a tal *ligação* em vários trechos de sua obra, mas em lugar algum explicou-se plenamente sobre o assunto (Stewart, IV.12, ênfase adicionada).

Stewart se refere à relação entre a WN e a TMS quando comenta sobre uma *conexão* entre os princípios de economia política e outras preocupações de ordem moral, relacionadas à melhoria da condição e da felicidade humanas. De saída, isso torna todo o resto muito interessante, uma vez esse tipo de ligação entre economia política e filosofia moral no pensamento de Smith era raramente, ou quase nunca, mencionado por seus comentadores, tornando-se, ao menos até as primeiras décadas do século XIX, uma espécie de elo perdido.

Stewart parece ter plena consciência dos aspectos contraditórios entre riqueza e virtude, expansão do comércio e manutenção de padrões modernos de civilidade e moral, apontados por Smith e outros filósofos escoceses. Quando ele comenta (Stewart, IV.12) que buscou ilustrar a ligação entre os princípios de economia política de Smith e suas considerações morais, ele menciona as contradições que decorrem do progresso da divisão do trabalho, e diz que, à primeira vista, a conclusão de Smith tem um tom melancólico, pois que o crescimento da riqueza nacional implica o sacrifício do caráter do povo. No que se refere ao material analisado neste trabalho, Stewart parece ter sido o único a comentar sobre o reconhecimento de aspectos ambivalentes e contraditórios nas sociedades comerciais, que é algo essencial para se compreender o pensamento de Smith como um todo.

Portanto, segundo Stewart, a ciência política moderna ficou encarregada de investigar os princípios fundamentais da justiça e da conveniência que *devem* regular toda ordem social de modo a garantir a distribuição mais equitativa dos benefícios da união política (Stewart IV.2), mitigando os efeitos negativos da expansão do comércio e da manufatura. Isso implica, para ele, que a ciência política deve buscar desvendar os princípios filosóficos da jurisprudência (Stewart, IV.5), que devem nortear toda a política de Estado. Isso significa que a ela deve substituir, para o bem comum, todas as formas de participação política dos indivíduos no governo, pois a liberdade política tende a levar todos para a ruína (Stewart IV.4-5).

Em seguida, Stewart diz que esse, na realidade, é o objetivo de vários pensadores importantes e particularmente o de Smith em sua obra, qual seja: “Orientar a política das nações com relação à classe mais importante de suas leis, as que formam seu sistema de economia política [...]” (Stewart, IV.7). Seu intuito, na interpretação de Stewart, é possibilitar o aprimoramento da sociedade ao iluminar os princípios que guiam a legislação, fornecendo um guia ideal para o legislador, que, contudo, não esboça em si um projeto político inteiramente novo e nem que deva ser implementado de maneira radical, mas sim com muita prudência e cautela (Stewart, IV.6, 20). Ele afirma:

Essas cautelas com respeito à aplicação prática de princípios gerais foram peculiarmente necessárias ao autor d’A *Riqueza das Nações*, na medida em que a

liberdade ilimitada de comércio, que é a principal recomendação de sua obra, é extremamente apta, ao adular a indolência do estadista, a sugerir aos que estão investidos de poder absoluto a ideia de levá-la à execução imediata (Stewart, IV.20, ênfase adicionada).

É digno de nota que, embora Stewart tenha mencionado aspectos importantes do pensamento de Smith, e das preocupações dos filósofos escoceses, ele próprio incluído, como em relação às contradições das sociedades comerciais e dos remédios para mitigar as consequências negativas de seu funcionamento, ele também acabou por apresentar as ideias fundamentais de Smith de maneira seletiva. Ao afirmar, entre outras coisas, que o objetivo central da obra é recomendar a liberdade ilimitada de comércio, Stewart contribuiu para reduzir a WN a um tratado em defesa do livre-comércio.

Embora o *Account* tenha servido como base para as diversas outras narrativas biográficas que apareceram afixadas às edições da WN no início do século XIX, sua análise das obras em si, tanto da TMS quanto da WN, foi omitida em todos os casos em que o *Account* não figura na íntegra. Isso significa que foram descartados os trechos importantes em que Stewart comenta sobre a *conexão* entre os princípios de economia política de Smith e suas preocupações com o aprimoramento moral e com a felicidade dos indivíduos, que não foi objeto de consideração de nenhum editor nesse período. Em compensação, alguns dos principais trechos simplificadores, em que Stewart afirma a intenção e o objetivo de Smith, foram preservados (cf. CREECH [Life], 1806, p. xv-xvi).

A outra parte do material introdutório presente na maior parte das edições da WN da primeira metade do século XIX, e talvez a mais importante para os termos desse trabalho, é composta pelos dois ensaios de Garnier, o *View* e o *Method*¹². Eles foram originalmente publicados em francês, constituindo as duas primeiras partes do *Préface du Traducteur*, fixado no material introdutório da edição francesa de 1802.

No *View*, Garnier traça um breve paralelo entre a “doutrina de Smith” e a dos Fisiocratas. Ele explica, segundo sua concepção, qual a real importância das “verdades” descobertas pelos *économistes*, a saber, que a terra é a fonte de toda a riqueza e que a agricultura produz não apenas os meios de subsistência devidos aos trabalhadores, mas também um excedente que se acresce à massa de riqueza já existente (*View*, p. xxix-xxx). Ele discute a teoria de Quesnay e busca mostrar como os franceses, ao derivarem todo o resto desses princípios, prosseguiram equivocadamente, no sentido de criarem um sistema puramente especulativo, que não tem aplicação, o que contribuiu para o seu descrédito (*ibid.*, p. xxxviii).

Para ele, o fundamento real da riqueza e do valor é a necessidade em função da qual os indivíduos consomem, de modo que o valor não depende apenas de fatores associados à produção (*ibid.*, p. xxxi). Nesse sentido, todo esforço, como aquele levado a cabo pelos Fisiocratas, de distinguir o trabalho aplicado à terra do trabalho aplicado às manufaturas e ao comércio, é tão inútil quanto tentar dizer qual pé é mais útil para andar, o direito ou o esquerdo. Pois, para ele, é pela concorrência simultânea de ambos os trabalhos que um bem se torna passível de ser consumido, só assim vindo a constituir riqueza e a ter valor (*ibid.*, p. xxxi-xxxii). Assim, ele requalifica a “grande verdade” dos economistas franceses, dizendo que a terra é a

¹² As referências aos ensaios serão feitas à edição inglesa de 1805.

fonte de toda a riqueza apenas na proporção em que fornece os meios para a produção, por meio da indústria, da verdadeira riqueza: a produção destinada ao consumo final (*ibid.*, p. xxxiii).

Ele considera, em seguida, a contribuição de Smith, que, segundo ele, logrou estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina da economia política (*ibid.*, p. xxxvii). Sua análise busca mostrar como a sua doutrina complementa a doutrina dos *économistes*, tendo, contudo, algo que faltava à primeira, a saber, utilidade prática – derivada da natureza de sua grande “descoberta” – como meio para orientar a ação do Estado.

Segundo Garnier, a “grande verdade” descoberta por Smith é: “[...] que o agente universal da criação da riqueza é o *trabalho*” (*ibid.*, p. xxxvii). A grande utilidade prática dessa descoberta, segundo ele, é que o aumento do “poder produtivo do trabalho” restringe-se apenas pelos limites da inteligência e indústria humanas – enquanto que a capacidade produtiva da terra, no caso dos Fisiocratas, abstraindo-se do efeito que o trabalho tem sobre a mesma, está limitada por fatores naturais –, de modo que é possível agir com base nessa “revelação”. Assim, Smith foi levado a analisar as causas que proporcionam o aumento das forças produtivas do trabalho (*ibid.*, p. xxxvii).

Por fim, Garnier resume em alguns poucos parágrafos a doutrina de Smith, segundo sua compreensão, explicitando a natureza da sua interpretação da obra. Seu resumo do conteúdo da WN sugere que o restante da obra funciona como uma espécie de “guia” para legislador sobre como aumentar a produção da riqueza, por meio da elevação das forças produtivas do trabalho.

Como a divisão do trabalho depende da extensão do mercado, a primeira tarefa do governo é ampliá-la por meio da construção de estradas, da garantia de um bom sistema monetário e do cumprimento dos contratos. Como a acumulação de capital é, segundo ele, um efeito necessário das faculdades produtivas do trabalho, e se torna também uma causa do aumento ulterior dessas faculdades, a segunda tarefa do governo é apenas de se abster de agir de forma danosa, devendo apenas “proteger a liberdade natural da indústria”, pois a busca dos indivíduos pelo próprio interesse é muito mais eficaz do que qualquer legislador para julgar a direção mais vantajosa para a sociedade (*ibid.*, p. xxxix).

A leitura de Garnier da WN como um guia ideal para o legislador que vise elevar as forças produtivas do trabalho ignora alguns elementos importantes da exposição de Smith. O comentador francês não menciona aquelas “obras e instituições públicas” que integram o terceiro dever do soberano (WN IV.ix.51). Dentre elas, encontram-se a educação dos jovens, a educação para pessoas de todas as idades e a promoção de “diversões públicas” (WN V.i.g.14). Essas categorias de despesa estão associadas às preocupações de Smith relativas ao bom ordenamento social e ao bem público, e, nesta medida, compõem a discussão mais ampla quanto às ambivalências e reverses das sociedades comerciais.

A manutenção de tais obras e instituições públicas têm por intuito mitigar os efeitos perversos que decorrem da intensificação da divisão do trabalho. A educação dos jovens visa remediar a erosão da capacidade dos trabalhadores de agir virtuosamente e evitar que caiam num estado de ignorância e estupidez por conta da especialização (WN V.i.f.50). A educação para as pessoas de todas as idades e as diversões públicas, por sua vez, tomadas no âmbito do argumento de Smith em favor da liberdade de crença, cumprem um papel importante para evitar o cultivo da superstição, do “entusiasmo religioso” e de sentimentos antissociais entre os indivíduos, que podem perturbar a ordem pública (WN V.i.g.8, 14-5).

Dessa forma, a exposição de Garnier no *View* não leva em consideração o debate fundamental que serve de pano de fundo para a WN, nomeadamente aquele a respeito da natureza das sociedades comerciais modernas. Ao definir a “doutrina de Smith” nos termos vistos acima, ele reduz a WN a um manual de economia política, e as supostas implicações práticas da mesma ao vocabulário do *laissez-faire*. Dessa forma, o editor francês acabou por modificar o significado das *perguntas* que motivaram a escrita da obra.

Isso fica mais evidente quando se analisa o conteúdo de seu segundo ensaio, o *Method*. Nesta seção, reconhecendo certos “problemas” no modo pelo qual Smith expôs e encadeou suas ideias, Garnier dá sua opinião sobre o conteúdo da WN e elabora uma espécie de método de leitura. Ao fazê-lo, diz o que é e o que não é importante, e impõe uma ordem, por ele mesmo elaborada, a partir da qual a obra deve ser lida para que o estudo seja facilitado.

Após reconhecer os méritos de Smith, Garnier introduz o ensaio expondo um suposto defeito comum aos autores ingleses, a saber, o fato de não serem didáticos (*Method*, p. xl). Ele prossegue dizendo que há várias seções nas quais Smith perde o foco ao fazer longas digressões, que logram distrair a atenção do leitor, fazendo-o perder a perspectiva principal acerca do objeto da obra. Com o propósito de contornar essas “inconveniências” e facilitar o entendimento da doutrina, Garnier julgou adequado indicar uma ordem de leitura na qual a progressão das ideias teria maior sentido e clareza (*ibid.*, p. xli). O conteúdo fundamental da doutrina de Smith sobre a “formação, multiplicação e distribuição da riqueza” estaria contido nos dois primeiros livros, que ele julga comporem em si uma obra completa, sendo que os demais livros a ela nada acrescentariam, podendo ser lidos separadamente (*ibid.*, p. xlii).

Dessa forma, ele propõe então dividir o conteúdo dos livros I e II da WN em três partes, alterando a ordem originalmente idealizada por Smith para dispor as ideias. A primeira parte contemplaria a teoria do valor e dos preços, a segunda a teoria do capital e a terceira os aspectos relacionados ao crescimento da produção e à distribuição da riqueza (*ibid.*, p. xlii-xliii). Dentre os “outros assuntos”, presentes sobretudo nos livros III e V, e relacionados, segundo Garnier (*ibid.*, p. liv), à existência civil e política das nações, embora tangenciem em muitos pontos o escopo central da obra, parecem estar relativamente *fora* dele e da discussão central, que, na sua compreensão, refere-se mais propriamente à natureza, produção e distribuição da riqueza.

Assim, seguindo o guia escrito pelo editor francês, o leitor se depara com uma espécie de manual de economia política do século XIX. Fica claro, a partir dos comentários acima, que não há, na interpretação de Garnier, uma conexão sistêmica entre os assuntos tratados, por um lado, nos livros I e II, e, por outro, nos livros III, IV e V da WN, uma vez que esses assuntos transcendem o escopo da economia política propriamente dita. O caso é praticamente o mesmo de Buchanan e McCulloch: é como se Smith tivesse ido “longe demais” no arranjo da obra, tratando de temas que pertencem mais à ciência política e a outras ciências morais do que à economia.

Ora, a característica fundamental das interpretações desses editores e comentadores de Smith é ler a WN como um texto exclusivamente de economia política. Ao fazê-lo, atribuem ao filósofo escocês uma má organização, que, na realidade, concerne a forma pela qual eles mesmos enxergam o texto. Além disso, ao interpretar a obra dessa maneira, transformam seu significado. Uma obra que contém reflexões sobre a formação das sociedades e da liberdade modernas torna-se um manual repleto de erros e inconveniências; uma defesa por um tipo específico de enquadramento institucional que garanta o alívio da condição dos mais pobres e

sua independência, assim como a prosperidade das nações, torna-se, antes de tudo, uma espécie de tratado em defesa da liberdade ilimitada do comércio.

4- Conclusão

Neste trabalho, buscou-se analisar como e em que medida os materiais introduzidos por editores e intérpretes de Smith em várias das edições britânicas da WN no início do século XIX refletiram e contribuíram para construir um tipo muito particular de interpretação da obra. Uma interpretação que, como mencionado, entende a obra primordialmente como um tratado de economia política em defesa do livre-comércio e que desconsidera a necessidade de estudar as outras contribuições do filósofo escocês para compreender a natureza da *Investigação* que ele estava realizando quando originalmente a escreveu e a publicou.

Como visto, praticamente todas as intervenções mais substantivas por parte de editores e comentadores refletiram, de certa maneira, esse tipo de interpretação seletiva. Abstraindo das diferenças de qualidade “técnica” entre os materiais escritos por Playfair, Buchanan e McCulloch, todos eles tinham como preocupação central apontar os méritos e, principalmente, os deméritos de Smith *enquanto um economista político*. Já o *Account*, escrito na última década do século XVIII, parece ter sido uma espécie de “último suspiro” de um tipo de interpretação que compreendia de forma mais ampla o que estava em jogo na empreitada de Smith sobre as sociedades comerciais. Não obstante, sua narrativa contém, como visto, aspectos que caracterizam uma leitura simplificadora, na medida em que reduz o objetivo da obra à recomendação da liberdade ilimitada de comércio. A intervenção de Garnier, por sua vez, nos parece a mais importante e, ao mesmo tempo, a mais representativa do tipo de interpretação seletiva a que se fez referência. Garnier reduziu a WN não apenas em termos “físicos” – descartando a necessidade de ler todos os Livros –, mas também em termos semânticos, confinando o seu escopo e seu objetivo ao campo de força da ciência da economia política e ao âmbito da riqueza. Com isso, ele parece ter desempenhado papel relevante na construção e consolidação desse tipo de interpretação convencional da obra.

O tipo de enunciação e interpretação comum às intervenções presentes nas edições da WN analisadas neste estudo parece configurar, no âmbito da história da recepção das ideias, uma espécie de mudança na linguagem política, no sentido de “filtrar” os conceitos, as perguntas e os problemas discutidos em um certo contexto linguístico (cf. POCOOCK, 2003, p. 78). Isso ocorre na medida em que aspectos de filosofia moral e de filosofia política, constitutivos à argumentação de Smith, são ignorados. É justamente esse o caráter “seletivo” das interpretações: elas filtram o texto e a discussão que motivou sua escrita, modificando o sentido das perguntas feitas pelo filósofo escocês.

5- Referências

- BROWN, V. **Adam Smith’s discourse: Canonicity, Commerce and Conscience**. London: Routledge, 1994.
- BUCHANAN, D. Observations on the Subjects Treated of in Dr. Smith’s Inquiry. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. 3 vols, ed. David Buchanan. Edinburgh: Oliphant, Waugh & Innes, 1814.
- CERQUEIRA, H. **Para ler Adam Smith: novas abordagens**. (Texto para discussão, n. 183) Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2003.

- CREECH, W. Life of Dr. Adam Smith. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. Edinburgh: William Creech, 1806. p. i-xxxiii.
- FACCARELLO, G.; STEINER, P. The Diffusion of the Work of Adam Smith in the French Language: An Outline History. In: TRIBE, K.; MIZUTA, H. **A critical bibliography of Adam Smith**. London: Pickering & Chatto, 2002. p. 61-119.
- GARNIER, G. Préface du traducteur. In: SMITH, A. **Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations**. Paris: Agasse, 1802. p. i-cxii.
- GARNIER, G. A Short View of the Doctrine of Smith, Compared with that of the French Economists. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. Glasgow: J. & J. Scrymgeour, 1805. p. xxix-xl.
- GARNIER, G. Method of Facilitating the Study of Dr. Smith's Work. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. Glasgow: J. & J. Scrymgeour, 1805. p. xl-lv.
- HORNER, F. Review of William Playfair. **Edinburgh Review**, v. VII, n. 13, p. 470-1, January 1806.
- MCCULLOCH, J. R. Editor's Preface. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, by Adam Smith, LL.D.** Ed. J. R. McCulloch. Edinburgh: Adam Black and William Tate, 1828. p. v-xii.
- MCCULLOCH, J. R. Introductory Discourse. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, by Adam Smith, LL.D.** Ed. J. R. McCulloch. Edinburgh: Adam Black and William Tate, 1828. p. i-xcvi.
- MCCULLOCH, J. R. Sketch of the Life of Dr. Smith. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, by Adam Smith, LL.D.** Ed. J. R. McCulloch. Edinburgh: Adam Black and William Tate, 1828. p. xiii-xli.
- MILGATE, M.; STIMSON, S. C. The figure of Smith: Dugald Stewart and the propagation of Smithian economics. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 3, n. 2, p. 225-253, 1996.
- PLAYFAIR, W. Advertisement. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. 11th edition. Ed. W. Playfair. London: T. Cadell and W. Davies, 1805. p. v-vi.
- PLAYFAIR, W. Preface. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. 11th edition. Ed. W. Playfair. London: T. Cadell and W. Davies, 1805. p. vii-ix.
- PLAYFAIR, W. The Life of Dr. Adam Smith. In: SMITH, A. **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations**. 11th edition. Ed. W. Playfair. London: T. Cadell and W. Davies, 1805. p. xii-xxxvi.
- POCOCK, J. G. A. O conceito de linguagem e o métier d'historien. In: POCOCK, J. G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 63-82.
- RASHID, S. Adam Smith's rise to fame: a reexamination of the evidence. **The Eighteenth Century**, v. 23, n. 1, p. 64-85, 1982.
- ROTHSCHILD, E. Adam Smith and conservative economics. **Economic History Review**, v. 45, n. 2, p. 74-96, 1992.
- SHER, R. Early Editions of Adam Smith's Books in Britain and Ireland, 1759–1804. In: TRIBE, K.; MIZUTA, H. **A critical bibliography of Adam Smith**. London: Pickering & Chatto, 2002. p. 13-26.
- SHER, R. New Light on the Publication and Reception of the Wealth of Nations. **Adam Smith Review**, v. 1, p. 3-29, 2004.
- STEWART, D. **Biographical memoirs, of Adam Smith, LL. D. of William Robertson, D. D. and of Thomas Reid, D. D. read before the Royal Society of Edinburgh**. Edinburgh: George Ramsay and Company, 1811.

- STEWART, D. Account of the life and writings of Adam Smith, LL.D. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Ed. W.P.D. Wightman. Indianapolis: Liberty Fund, 1982. p. 269-351.
- TEICHGRAEBER, R. Less Abused than I Had Reason to Expect”: The Reception of The Wealth of Nations in Britain, 1776-90. **The Historical Journal**, v. 30, n. 2, p. 337-366, 1987.
- TRIBE, K. Adam Smith: critical theorist? **Journal of Economic Literature**, v. 37, n. 2, p. 609-632, jun 1999.
- TRIBE, K. Adam Smith in English: From Playfair to Cannan. In: TRIBE, K.; MIZUTA, H. **A critical bibliography of Adam Smith**. London: Pickering & Chatto, 2002. p. 27-49.
- TRIBE, K.; MIZUTA, H. **A critical bibliography of Adam Smith**. London: Pickering & Chatto, 2002.
- WILLIS, K. The role in Parliament of the economic ideas of Adam Smith, 1776-1800. **History of Political Economy**, v. 11, n. 4, p. 505-544, 1979.